

AS VARIAÇÕES DE "KI'IK" NA LÍNGUA PORTUGUESA

Utilizar as palavras adequadamente em Língua Portuguesa é uma das formas de expressarmos exatamente o que queremos dizer. Para isso, precisamos compreender um conceito linguístico básico: de que o português é uma língua flexional. As línguas flexionais tendem a inserir uma pequena parte (o afixo) na própria palavra para expressar um elemento gramatical (gênero, número, grau, tempo verbal etc.). Por exemplo, quando queremos evidenciar que algo é grande ou pequeno demais, é interessante sabermos usar o afixo adequado, acrescentando à palavra o elemento que indique o grau que pretendemos. No caso, usamos o aumentativo para tudo que é muito grande e o diminutivo para o que é muito pequeno. Na Língua Tétum, por sua vez, acrescentamos uma segunda palavra para indicar o que é pequeno (ki'ik) e o que é grande (boot), já que é bem provável que não seja uma língua puramente flexional.

Quando queremos nos referir a alguém ou alguma coisa de tamanho pequeno, acrescentamos as terminações inho(s), zinho(a), inha(s) ou zinha(s) às palavras. Por exemplo, quando recebemos um convite para tomar um café, e esperamos que seja uma situação

rápida, cotidiana, podemos dizer que queremos apenas um cafezinho. Da mesma forma, para nos referirmos a alguém ou algo de tamanho grande, acrescentamos as terminações ão(s), zão(s), ona(s) ou zona(s). Por exemplo, quando recusamos um convite de uma amiga para ir à praia, ela provavelmente vai tentar nos convencer dizendo que o dia está favorável e que está um calorão. Nesses casos, utilizamos o diminutivo e o aumentativo regulares, ou seja, que têm formas fixas.

O brasileiro tem o hábito de usar diminutivos ao se comunicar informalmente, mecanismo muito utilizado na fala. Muitos estrangeiros percebem esse uso e alguns o sentem como exagero, a verdade é que faz parte do cotidiano do Brasil. Muito desse uso, no entanto, pode não se referir apenas a algo de tamanho físico pequeno. Às vezes, pode também assumir outras funções, como atenuar sentido, demonstrar afeto ou ironia.

Quando não gostamos do conteúdo do livro de um autor, mesmo que ele seja bem produzido e editado, e essa pessoa nos pergunta pessoalmente qual a nossa opinião, não precisamos dizer que não é bom. Dizemos simplesmente que o livro é bem feitinho com a finalidade de atenuar o sentido. Com certeza,

o autor do livro não ficará feliz com a nossa fala, mas é uma forma de sermos educados ou, ainda, uma forma indireta de dizermos algo ruim, mas que não nos cause tantos constrangimentos.

O diminutivo pode também demonstrar afeto, carinho, mas isso depende muito da pessoa envolvida na comunicação. Geralmente, aplicamos o diminutivo a nomes de pessoas: Aninha, Verinha, Paulinho, Pedrinho. Algumas delas, aliás, já receberam seu nome no diminutivo quando nasceram; é o caso das Terezas que na verdade foram registradas como Terezinhas. Esses são exemplos que envolvem cuidado com a pessoa ou com algo que faz parte do diálogo.

Há ainda o uso do diminutivo que denota ironia - utilização de uma expressão ou palavra que manifesta o sentido contrário, a fim de criticarmos alguém ou alguma coisa. Uma mulher nunca aceita ser chamada de queridinha, onde quer que seja, pois geralmente o termo é irônico e com certeza não significa afeto, mas sim desprezo. Tem gente ainda que apronta alguma crueldade e vem dizer depois que tudo não passou de uma brincadeirinha. Intolerável, não é mesmo?

Podemos perceber, portanto, que devemos tomar muito cuidado com a forma com que utilizamos o diminutivo, pois além de demonstrar afeto, ironia ou atenuar um sentido, podemos ser mal interpretados e causarmos sérios problemas. A tirinha em destaque traz um exemplo cômico que ilustra bem o caso do preconceito com o uso do diminutivo. Afinal, países como o Brasil ainda são muito tradicionais, machistas e carregam uma visão corrompida com relação à sexualidade das pessoas.



Renata Tironi de Camargo
Mestre em Linguística (PQLP/CAPES)
renatatironi@hotmail.com

Para pensar: a língua portuguesa chegará a ser a “língua das ruas” em Timor-Leste?

Com essa pergunta, fui surpreendida por uma investigadora japonesa durante uma entrevista. A língua portuguesa chegará a ser “a língua das ruas” em Timor-Leste? Em outras palavras, será um dia, com essa língua, que um cidadão timorense irá comprar pulsa, ou uma garrafa de água no kios? Será, um dia, que os avisos “la bele hemu tua iha ne'e”, “la bele para iha ne'e” que vemos frequentemente nos jardins e em frente aos portões das casas estarão escritos em língua portuguesa?

Com respostas rápidas e prontas, provavelmente, desejosos dirão que sim e pessimistas dirão que não. Entretanto, antes de respondermos a essa questão, é preciso considerar fatores que estão além do que queremos ou do que imaginamos para o futuro dessa língua em Timor-Leste.

A presença histórica da língua portuguesa durante a colonização, assim como a presença atual dessa língua, com portugueses, brasileiros e timorenses falantes do português, ajudam a formar um quadro linguístico - juntamente a outras línguas - a partir do qual se torna impossível negar que a língua portuguesa faz parte da cultura e da identidade nacional, para além do passado.

No fator educação, o apoio das cooperações internacionais e as mobilizações feitas no âmbito da CPLP têm tido grande valor

e importância, porém, se não fosse o interesse e disposição timorenses na implementação da língua portuguesa em seu território, os esforços cooperativos em pouco tempo perderiam o sentido.

Quem visita Díli, hoje, pode perceber que de fato o trabalho de implementação da língua portuguesa ocorre nos espaços de instrução formal. Há aulas de português e em português, ministradas por professores timorenses e estrangeiros. Mas, há também, a carência de recursos humanos para que todo o território seja contemplado com essas aulas. Ou seja, ainda não há professores o suficiente capazes de ministrar aula em língua portuguesa e de língua portuguesa.

Muito embora toda essa junção de fatores seja positiva para a implementação da língua e para a garantia de que ela estará presente em território timorense, um dos fatores que mais contribuirá para que ela se desloque da formalidade do ambiente de ensino para a informalidade do ambiente das ruas é, sem dúvidas, a afetividade que o povo timorense criará ou não por essa língua. Em outras palavras, se a língua portuguesa lhes dará a longo prazo o prazer, a comodidade e praticidade na comunicação que hoje é atribuída ao tétum e línguas maternas.

Pode ser que, pelo fato de a língua

portuguesa estar em ambientes formais, nem sempre acessíveis a todos, esse sentimento de afeto demore a ocorrer para os timorenses, e por consequência, ela não venha a ser usada nas ruas, ou seja, um processo demorado.

Em contrapartida, pode ser que o sentimento nacionalista por uma das línguas oficiais de Timor-Leste ganhe rapidamente os corações timorenses, e o processo de deslocamento da língua portuguesa para as ruas, quer nas placas, quer no linguajar, venha a acontecer de fato. E, talvez, rapidamente.

Não se trata aqui de chegar a uma resposta certa ou errada. O ponto principal é saber que, para refletir se a língua portuguesa chegará ou não a ser língua das ruas em Díli e em Timor, a afetividade e a ideia de pertencimento são critérios fundamentais.

Pois, embora a língua portuguesa atravessasse um caminho histórico, identitário e político relevantes, caso ela não passe pelo filtro afetivo (pertencimento), fica-se com essa língua em âmbitos formais e para necessidades especiais, e evoca-se para as ruas línguas com as quais sente-se mais familiaridade.

Por Juliana Paiva Santiago
Mestre em Linguística (PQLP - CAPES)
juliansantiago@gmail.com